

## IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE: PORTUGUESES EM SÃO PAULO

Alice Beatriz da Silva Gordo Lang\*

Resumo: Descobridores, colonizadores e governantes do Brasil até a Independência em 1822, os portugueses continuaram a chegar como imigrantes, tornando peculiar esta imigração. No século XX alternaram-se ciclos de crescimento e refluxo, com acentuada queda a partir de 1963. Focalizamos o período 1950-1963. Usando a metodologia de História Oral, trabalhamos com relatos orais de imigrantes, buscando conhecer sua trajetória e experiência. A imigração do período se configura como um projeto familiar, os laços com a aldeia de origem não se rompem. A identidade coletiva da comunidade se pauta pela imagem dos Descobrimentos marítimos, pelo espírito de aventura e pelo sentimento da saudade, este vinculado à permanência da ligação com o país de origem. A identidade pessoal está marcada pela dupla pertença, pela ambigüidade de 'ser português' no Brasil.

Palavras-chave: Imigração, História Oral, Identidade.

Tratar de portugueses no Brasil é tratar de uma imigração peculiar no conjunto dos grupos imigrantes que demandaram o país a partir de meados do século XIX. Há todo um passado ligando o Brasil a Portugal, dado que o país foi descoberto e colonizado pela coroa portuguesa, sendo por ela governado até 1822. Misturaram-se aos índios, trouxeram negros africanos como escravos, implantaram no país sua língua, religião e costumes.

No Brasil independente, os portugueses continuaram a chegar em grande número, então na condição de imigrantes, atraídos inicialmente para as fazendas de café e posteriormente para as cidades. Diferem *colonizadores* de *imigrantes*. Segundo Joel Serrão, *colonizador* seria "o indivíduo que abandona o solo pátrio com destino a uma colônia, e devido à iniciativa do Estado, ou integrado em uma empresa de âmbito nacional por ele promovida"; *emigrante* seria "somente aquele que resolveu deixar o País por motivos pessoais, livremente concebidos, independentemente de solicitações oficiais e até, muitas vezes, em oposição a estas" (SERRÃO, s.d., p.364).

Emigração e imigração são duas faces de uma mesma realidade. Trata-se de um processo que tem na emigração seu ato inicial e na sequência a imigração. Para Abdelmalek Sayad (1998), "o que chamamos imigração e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração".

Além de portugueses, chegaram italianos, alemães, espanhóis e outros em menor número. A Constituição Republicana de 1891 ofereceu a todos os estrangeiros residentes no Brasil a naturalização. No período republicano, a imigração portuguesa continuou numerosa, obedecendo a fluxos: de 1891 a 1929, foi grande o número dos que chegaram (362.156 portugueses); era o período da Primeira República, de domínio da cultura cafeeira responsável pela atração da imigração como mão-de-obra para o café. Foi a fase de maior imigração, diminuindo as entradas durante os anos da Guerra 14-18.

Nas décadas de 30 e 40, houve uma brusca queda do movimento migratório internacional, motivada pela crise econômica decorrente da quebra da Bolsa de Nova York e pela situação política interna de ambos os países. No Brasil, o governo de Getúlio Vargas impôs severas restrições à imigração internacional, com o intuito de promover a migração interna.

Nos anos 50 até 63, a imigração foi novamente incentivada, pois o país retomava o crescimento no pós-guerra e necessitava mão de obra, especialmente para o setor de serviços no meio urbano. Portugueses chegaram

---

\* Doutora em sociologia. Pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos - CERU/USP.

em grande número (295.801), correspondendo a 40,96% dos 772.157 imigrantes entrados nesses anos (LEVY, 1994). Dirigiram-se preferencialmente para o Rio de Janeiro, Distrito Federal e São Paulo, somando-se aos que aqui já estavam.

Depois de 1963, caem violentamente os números da imigração, dado que os portugueses procuram outros destinos (França, Alemanha, Canadá, Estados Unidos). Os que chegam ao Brasil, em geral, especialmente na década de 70, procedem da África, onde se desenrolava o processo de descolonização; de Portugal emigram aqueles que se opunham ao governo instituído pela Revolução dos Cravos. Posteriormente, mudam novamente as características daqueles que demandam o país, agora técnicos qualificados e quadros que vêm a chamado de multinacionais.

Focalizamos os portugueses que chegaram à cidade de São Paulo no período 1950-1963. Encontraram uma grande colônia já aqui radicada, associações de vários tipos (beneficentes, de saúde, esportivas, econômicas, culturais e regionais) além de jornais e programas radiofônicos voltados para os portugueses. Em 1950, moravam na cidade de São Paulo 135.438 portugueses, que se misturavam à população. Buscamos conhecer sua trajetória e, através dela, as características da imigração portuguesa do período, bem como desvendar o processo de reconstrução de sua identidade, como portugueses no Brasil. A identidade, forjada pelo processo de socialização, se constrói e reconstrói no decorrer da vida sob o impacto de novas circunstâncias.

Para conhecer a trajetória dos imigrantes, adotamos a proposta de Paulo Filipe Monteiro utilizada em seu estudo sobre imigrantes portugueses em Danbury e Waterbury (EUA), que convida o pesquisador a colocar-se do ponto de vista dos imigrantes, com eles empreendendo a viagem. "Quando se toma este ponto de vista, quando se faz trabalho de campo e sobretudo quando se viaja com esses imigrantes, fica-se, é certo, a braços com um difícil material, muito diversificado e contraditório. Diversificado, porque nem todos os imigrantes seguem as mesmas estratégias nas sociedades onde se instalam, podendo uns integrar-se nelas apagando quaisquer vestígios de sua origem, e outros optarem por, em certas circunstâncias, mais ou menos freqüentes, utilizarem a sua "etnicidade" – e isto como forma de conseguirem essa integração, ou de fugirem a ela" (MONTEIRO, 1994, p. 4).

Para a adoção desta proposta de "viajar com os imigrantes", a metodologia da história oral se mostra singularmente rica e apropriada. Permite conhecer a experiência individual da imigração pela voz dos próprios agentes e, através da ótica de um e de muitos, e com o recurso a fontes complementares, chegar à compreensão do processo individual e do fato coletivo que constitui a imigração.

Consideramos o percurso migratório em suas várias fases: no país de origem, a decisão de partir e os preparativos; segue-se a viagem, os primeiros tempos no país de acolhimento e a fase de inserção. Vivem então o momento da decisão - retornar ou fixar-se, podendo a última alternativa ser definitiva ou protelada. No caso de retorno, segue-se a reintegração no país de origem, fechando-se o ciclo do percurso migratório (ROCHA-TRINDADE, 1995).

Foram entrevistados 27 portugueses que chegaram a São Paulo entre 1950 e 1963, imigrantes de primeira geração, provenientes de regiões diversas de Portugal. Coletamos relatos de vida, que distinguimos de histórias de vida e de depoimentos (LANG, 1997)<sup>2</sup>. Os relatos gravados e transcritos, foram analisados durante o processo do estudo, possibilitando a incorporação de novos conhecimentos para orientar as entrevistas subsequentes. A coleta dos relatos e a análise orientaram-se pelas fases do percurso migratório. Buscamos também conhecer as associações da comunidade portuguesa e seus meios de comunicação, importantes na preservação das raízes portuguesas.

Vieram estes imigrantes das regiões de Trás-os-Montes, Minho, Douro e Beiras, no norte de Portugal, ou dos arquipélagos autônomos da Madeira e dos Açores. Eram regiões de pequenas propriedades, regiões empobrecidas que não ofereciam possibilidades de futuro, ou até mesmo de sobrevivência. A imigração se apresentava como uma alternativa e o Brasil era um dos destinos prováveis. Muitos eram os portugueses que tinham vindo para este país onde se falava a mesma língua. Havia a lenda da *árvore das patacas*, significando o enriquecimento fácil e possível. Tinham em geral parentes e conterrâneos já no Brasil, que poderiam auxiliar nos primeiros tempos e enviar a *carta de chamada* exigida pela Junta de Emigração.

---

<sup>2</sup> Na *história de vida* o entrevistado é levado a contar livremente a sua vida, imprimindo à narrativa suas próprias categorias, ordenamento e seleção do que quer contar; o *relato oral* é uma forma menos ampla e livre, pois é solicitado ao narrador que aborde de modo mais especial determinados aspectos de sua vida; através do *depoimento oral*, busca-se obter o testemunho do entrevistado sobre determinados temas, pessoas ou fatos que testemunhou. (LANG, 1997)

Observe-se que forças de repulsão e atração existiam, atuando a nível estrutural, mas estas não são suficientes para explicar a imigração, pois a elas se somam necessariamente fatores pessoais e individuais que impulsionam a decisão de partir.

A motivação, para a maior parte dos imigrantes deste período, era econômica. Eram famílias nucleares que emigravam. Na maior parte dos casos, vinha o homem sozinho para enfrentar os primeiros tempos e só depois de alguns anos, mandava a passagem e a carta de chamada para mulher e filhos. Poucas eram os casos em que marido e mulher vinham juntos, em geral, aqueles que ainda não tinham filhos.

As mulheres que lá ficavam, viviam períodos de dificuldades econômicas ainda maiores, a que se somava o medo de que os maridos arranjassem outra mulher no Brasil, caso que muitas vezes ocorreu.

*"Tantos pais de família deixaram lá os filhos e a mulher e vieram. Ficava só a mãe, sem o pai, pois o que é que acabava acontecendo? Muita gente, nem as mulheres mandavam vir, porque chegavam aqui e arrumavam outra, e quantas e quantas mulheres ficaram lá com os filhos porque os pais vinham pra'qui. Tem muitas, muitas... muitos portugueses que arrumaram outras e esqueciam das mulheres."* (Anaísa<sup>3</sup>)

Outro motivo para a vinda era político determinando, neste período, a saída do país de opositores do salazarismo. Casos havia de jovens, rapazes por volta de 17 anos, que vinham sós, *fugindo à tropa*. A incorporação ao exército era temida, pois significava quatro anos de serviço militar e o provável envio à África, onde muitos eram mortos ou de onde outros voltavam feridos e até aleijados.

Em muitos casos, motivações se somavam e todos os que emigravam estavam certamente marcados por um certo espírito de aventura que impulsionava a decisão. Como disse um entrevistado: *"E o que veio para cá, não foi o ignorante. O que veio para cá foi já o esclarecido. Porque sair de sua terra, para enfrentar um país diferente, já tem que ser diferenciado, está certo?"* (Jorge<sup>4</sup>)

A viagem de navio, em geral na terceira classe, foi um fato marcante. Recordam o dia, mês e ano da chegada, em alguns casos até a hora em que o navio aportou. As lembranças da viagem e das primeiras impressões estão ainda muito vivas na memória.

*"Quando eu saí da Madeira, eu já saí para o Brasil. Eu vim de navio... Era o 'Santa Luzia'. Era um navio italiano. Demorei treze dias para chegar aqui. Saí de lá no dia 15 de dezembro e cheguei aqui no dia 26. Vim em 62... Cheguei aqui no dia 26 de dezembro de 62, quando eu cheguei. No navio que eu vim, vinham 1.600 passageiros. Era um navio enorme. Era um navio italiano, agora não existe. Esse navio não está mais, não existe mais. (...) foi uma longa viagem. Só vê mar e céu. Passei o Natal no Rio. Do Rio a Santos é uma noite. Nós desembarcamos lá no dia do Natal e chegamos aqui e atracamos em Santos às 9 horas da manhã."* (Carolina<sup>5</sup>)

A primeira impressão, no cais do porto, foi decepcionante para muitos. Lígia fala da sujeira do cais. *"Foi uma coisa que eu achei muito feio. Aí eu falei: 'Ai, como o Brasil é feio!' O cais, ao desembarcar ali em Santos. eu achei horrível aquilo, achei medonho. Quando eu cheguei aqui eu odiei o lugar, porque o ambiente... Saí da Ilha da Madeira onde você vê praia, olha para a esquerda, olha para a direita, mesmo que esteja num cais... É tudo lindo, maravilhosos, porque é tudo florido, é tudo iluminado. Parece que o sol brilha diferente – claro, na minha cabeça. Chega lá, aquela sujeira, aquele cais, aquele óleo, aquelas coisas pretas..."* (Lígia<sup>6</sup>)

Amélia fala do susto da mãe ao encontrar negros no cais, pois nunca havia visto pessoas de côr. *"Ela chegou aqui no porto... olhou, olhou. Aqueles pretão grande! Que lá a gente não conhecia, não é! Só tinha umas três meninas que andava na escola com nós. E eles eram bem escuros... Nós nunca aceitamos aquilo. Como é que podia? Uma côr tão diferente dos outros! Mas quando a gente chegou aqui... que ela chegou no cais e olhou, ela falou assim: 'Isso é que é Brasil!'"* Ficou apavorada." (Amélia<sup>7</sup>)

<sup>3</sup> Anaísa nasceu em Sailde, distrito de Bragança, Trás-os-Montes. Veio para o Brasil recém-casada, em 1933, com algum dinheiro dado pelo pai. Contou com o apoio de parentes e do padrinho. Anaísa e o marido trabalharam em feiras e hoje tem uma casa de frutas, algumas propriedades, inclusive um apartamento em Lisboa. Tiveram dois filhos, um dos quais hoje engenheiro

<sup>4</sup> Jorge nasceu em Figueiró dos Vinhos, concelho de Pombal, distrito de Coimbra em 1931. Veio para São Paulo com 17 anos, com carta de chamada do tio, com quem sempre trabalhou no ramo de produtos alimentícios. É comendador e participa do conselho de várias associações.

<sup>5</sup> Carolina nasceu em Funchal, Ilha da Madeira, em 1942. De família pobre, morou com a madrinha e emigrou com 20 anos. Tinha irmãos em São Paulo. Trabalhou como costureira, como pagem de crianças e acompanhante de doentes. É desquitada, tem uma pequena casa e vive com uma pequena aposentadoria.

<sup>6</sup> Lígia nasceu em 1943 na Freguesia Santo Antonio, Funchal, Ilha da Madeira. Emigrou com 15 anos, com a mãe e o irmão, para que este não fosse incorporado ao exército. Trabalha com bordados.

<sup>7</sup> Amélia nasceu em 1944, em Amorim, Póvoa do Varzim, Douro Litoral. Veio para São Paulo com 10 anos, com a mãe e irmãs, pois o pai havia vindo antes. Eram muito pobres, Amélia e as irmãs tiveram de trabalhar logo ao chegar e não puderam estudar, foi pagem e cabeleireira. Amélia casou-se com um português também da Póvoa.

Por outro lado, sempre havia parentes esperando no cais. Jorge contou que vinha sozinho, com 17 anos, e sequer conhecia o tio que lhe havia enviado a carta de chamada.

*"Então quando eu cheguei, foi uma satisfação enorme quando a minha tia, no cais de Santos: 'Tu és o Jorge?' Casada com o meu tio. São Passagens da vida que nunca esqueço, sabe... Então foi uma alegria muito grande - 'Já estou salvo'." (Jorge)*

Não encontramos mais aqueles casos comuns no período anterior de imigrantes vindos para a lavoura que de Santos eram conduzidos à Hospedaria dos Imigrantes e de lá para as fazendas. Tratamos com imigrantes que vieram para o meio urbano, com carta de chamada. Em alguns casos, os primeiros membros de um grupo familiar que vieram, e fizeram a chamado de conhecidos da aldeia.

De uma forma geral, alguns pontos marcam esta imigração: o papel da família e a permanência da ligação com o lugar de origem.

Nas pequenas aldeias onde moravam, trabalhavam em geral na lavoura, exercendo também outras ocupações (barbeiro, carpinteiro, vendedor de leite, etc); eram analfabetos ou tinham apenas o primário. De Portugal, conheciam apenas a aldeia, a cidade próxima e o porto por onde embarcaram.

Em São Paulo, receberam inicialmente o apoio de parentes ou mesmo de conterrâneos para moradia e obtenção do primeiro trabalho; as ocupações desempenhadas no país de destino tem a ver com a experiência de seu trabalho na aldeia. Buscam o trabalho autônomo, sós ou em sociedade com parentes ou conterrâneos. Como disse um entrevistado, *português não é padeiro, é dono de padaria*. Preocupam-se em dar instrução aos filhos - pais analfabetos ou apenas com curso primário completo ou não, logo ao chegar a São Paulo colocam os filhos em escola e muitos conseguem que estes se formem em cursos superiores. Facilitava o fato de falarem a mesma língua.

Não tiveram apoio de associações da comunidade portuguesa quando chegaram; só quando melhoram suas condições de vida, procuram tais associações; a primeira em que ingressam é um clube esportivo, a Portuguesa de Desportos. Programas radiofônicos da comunidade são ouvidos com frequência e interesse.

Passaram a morar em um bairro onde estavam instalados os parentes que vieram antes, ou mesmo outros conhecidos da aldeia. Conta o imigrante com a família extensa para a primeira instalação, para moradia e para conseguir trabalho. Há uma forte solidariedade que se exerce em virtude dos laços de parentesco, pois muitas vezes sequer conheciam aquele que chegava. Esta solidariedade também existia com relação aos provenientes da mesma aldeia. No caso de dona Maria Francesa, foram conterrâneos já melhor posicionados que lhe conseguiram moradia. Observa-se que os entrevistados pouco falam de desavenças com a família ou de exploração sofrida no trabalho, como se tais práticas porventura não tivessem existido, embora se saiba que ocorriam.

Em São Paulo, os imigrantes mantêm costumes e tradições de sua terra, buscando preservar suas raízes. Nas casas portuguesas, há sempre a imagem de Nossa Senhora de Fátima, o galo de Barcelos, o relógio cuco e muitas flores. Guardam carinhosamente lembranças de sua terra, tornando a casa um *lugar da memória*. Natal e Páscoa são comemorados como em Portugal, procuram preservar a alimentação, especialmente quanto ao modo do preparo. A hospitalidade não pode faltar. Como diz o fado famoso, *é uma casa portuguesa com certeza*. Pierre Nora fala dos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia (NORA, 1993), e a casa é certamente um destes lugares onde a memória se ancora.

A imigração separava as famílias extensas, parte permanecendo em Portugal e parte imigrando para o Brasil. A ligação com os parentes que deixaram é forte, os laços não se rompem. Visitas, cartas, envio de dinheiro são constantes, o mesmo ocorrendo com a aldeia propriamente dita.

O peso dos grupos primários como fator de atração da imigração, a manutenção de relações com os que permaneceram na aldeia e com a própria aldeia, faz com que a imigração portuguesa para o Brasil se configure como uma *corrente* que mantém os imigrantes vinculados aos dois países. Esta corrente é soldada pela *solidariedade*.

Depois de alguns anos no Brasil, já estabelecidos, voltam para visitar e conhecer lugares de Portugal onde nunca haviam estado, pois da aldeia muitos nunca haviam saído, conhecendo apenas a cidade próxima e o porto por onde embarcaram. A ligação com os parentes e com a própria aldeia permanece forte. Aqueles bem sucedidos chegam a colaborar financeiramente para a realização de melhorias na aldeia, como a reforma da igreja, colocação de asfalto ou iluminação. Alguns tornam-se os festeiros no dia do santo padroeiro.

Alguns imigrantes enriquecidos levam melhoramentos a suas aldeias. O Comendador Valentim dos Santos Diniz, imigrante bem sucedido como empresário, foi a Portugal com mulher e filhos e levou no navio seu carro.

Contratou um motorista para dirigi-lo até as proximidades, mas fez questão de entrar na aldeia ele mesmo ao volante (DINIZ, 1998).

Permanecem vivas as lembranças da aldeia, preservam-se vínculos com a própria aldeia e com a família que lá permaneceu. São cartas que vão e que vêm, é o jornalzinho da aldeia, é o dinheiro enviado aos parentes, os presentes. Quando conseguem amearhar alguma poupança, voltam à aldeia para visita. É um fato marcante em suas trajetórias, de tal modo a aldeia distante se faz presente em suas vidas.

*"... é uma emoção que não dá para explicar... você chora, você ri..."* (Anália<sup>8</sup>)

Isabel emigrou com dois anos de idade. Quando voltou à aldeia de Bujões (Vila Real), vinte anos depois, esta estava tão presente em sua cabeça pela constante palavra dos pais, que a Isabel eram familiares ruas e casas.

*"Engraçado, eu não conhecia Portugal, eu não conhecia Bujões, não conhecia porque eu vim com 2 anos, quase 3. Mas eu sabia todas as ruas e como entrar na casa de cada pessoa lá em Bujões, porque eu fui criada nesse ambiente. Então, quando se falava da casa de fulano de tal, da casa da minha madrinha – é subindo ali, vira ali – também não é tão grande, a aldeia é pequena. Eu, quando cheguei a primeira vez em Bujões, eu já conhecia aquilo tudo na minha mente. Eu cheguei, eu falei para minha mãe: 'Mãe, estou indo na casa da minha madrinha', que era a pessoa que eu mais queria conhecer, porque era minha madrinha e minha tia, irmã da minha mãe. Eu saí de onde eles estavam e fui sozinha à casa de minha madrinha, sem ninguém me dizer onde era. Eu já tinha na minha cabeça, tinha tanta vontade de ir, que já tinha dentro de mim."* (Isabel<sup>9</sup>)

Valentim Diniz, imigrante bem sucedido, dono da rede de supermercados Pão de Açúcar, fez instalar luz elétrica e levou asfalto às ruas de Pomares, onde tem uma praça com seu nome (DINIZ, 1998: 22,91).

O comendador Manoel Botelho é de Bujões.

*"Realmente, Bujões deve muito, muitíssimo mesmo à família de seu Manoel e de um irmão dele, o seu José Correia Botelho, que fizeram da nossa aldeia uma verdadeira cidade. Levaram luz, água encanada, esgoto, tudo. Tudo foram eles que fizeram por amor à nossa aldeia. Porque eles não viviam lá. Fizeram isso por amor à nossa aldeia."* (Isabel)

A família de Raul era de Matela. Da aldeia, solicitaram a seu pai que angariasse recursos entre os imigrantes desta localidade, para reconstruir a igreja.

*"Então o pessoal de lá pediu p'ro meu pai que estava bem: 'Olha, reuna o pessoal da Matela, levanta dinheiro...' Essas ajudas, para reformar a igreja lá da Matela. E o meu pai, então, assumiu essa missão e começou a visitar todos da Matela que estavam em São Paulo".* (Raul<sup>10</sup>)

Muitos 'franceses' e 'alemães', constróem imensas casas que, fechadas durante o ano e reabertas no verão, aguardam a aposentadoria de seus proprietários. São as casas-fantasma. Há também casos de 'brasileiros', como o sr. Antunes que construiu um grande palacete no exato local da casa onde nasceu, na aldeia de Troviscal (Pombal), ou do sr. Botelho que tem sua mansão em Bujões.

Em Chaves (Trás-os-Montes), o Hotel do Forte de São Francisco pertence ao Comendador Ramos, imigrante brasileiro e o Hotel Aquae Flaviae, a um retornado.

Caso exemplar e talvez de maior visibilidade é o de Manoel Giesteira, que construiu um grande monumento dedicado a seus pais e aos emigrantes no monte de São Félix, em Laúndos, tornado agora ponto de atração turística. O monumento apresenta uma simbiose de elementos brasileiros e portugueses, com uma simbologia muito grande. Giesteira reformou também a igreja de Amorim, aldeia vizinha.

Um dos importantes aspectos analisados, diz respeito ao processo da identidade que se reconstrói no país de destino, distinguindo-se a identidade coletiva e a identidade pessoal ou individual. A identidade se afirma no contato com a sociedade, se constrói e reconstrói frente ao outro, em um processo dinâmico.

<sup>8</sup> Anália nasceu em Beiriz, Póvoa do Varzim, em 1946. Veio para São Paulo com 10 anos, em uma típica emigração econômica. Eram muito pobre, trabalharam muito. Anália casou-se com um português e hoje tem casa própria e dois filhos que se formaram em curso superior.

<sup>9</sup> Isabel nasceu em Bujões, Vila Real, Trás-os-Montes em 1957 e veio para o Brasil com 2 anos, o pai viera antes. Trouxeram algum recurso, pois venderam tudo o que possuíam em Portugal. Isabel estudou, formou-se em turismo e hoje tem a agência Vila Real Turismo e um programa de rádio *Portugal, a saudade e você*.

<sup>10</sup> Raul nasceu em 1941 em Mora, Concelho de Vimioso, Distrito de Bragança, Trás-os-Montes. Veio para o Brasil com 10 anos. O pai já estava bem de vida, teria vindo por 'espírito de aventura'. Raul formou-se em Direito, foi Presidente da Portuguesa de Desportos. É Comendador e recebeu o título de Cidadão Paulistano.

Maria Beatriz Rocha-Trindade fornece um 'compreensão' do conceito de identidade cultural, afirmando que se trata de uma 'compreensão', dada a quase impossibilidade de definir esta idéia complexa, difusa e multifacetada.

"Na realidade, cada homem, cada emigrante, transporta consigo um complexo de experiência, de costumes, de crenças e conhecimentos que adquiriu na sociedade onde cresceu e se formou. De tudo isto resulta o condicionamento das ações, atitudes e modos de pensar, que virá manifestar ao longo de sua vida: cada homem é possuidor e transmissor de uma *cultura*. Desde o nascimento enceta-se uma longa aprendizagem (enculturação) que virá a desenvolver-se em várias fases ao longo da vida". Os imigrantes confrontam-se com "formas de vida diferentes que se chocam e entrecruzam com o seu próprio fundo cultural" (ROCHA-TRINDADE, 1982:172).

A identidade coletiva dos portugueses que estão no Brasil aparece hoje muito ligada à empresa dos descobrimentos, da navegação que, partindo da Escola de Sagres, possibilitou a construção do império português nos séculos XV e XVI. Há a idéia do imigrante como o homem corajoso que, como os navegantes de outrora, deixa suas terras em busca de um futuro melhor. Expressam esta idéia pelo verbo "singrar", estendendo-o dos mares à própria vida, como disse um entrevistado: "*Então os portugueses singraram o mundo inteiro procurando melhores condições de vida, dar uma cultura aos filhos, essa coisa toda.*" Os bem sucedidos são aqueles que conseguiram **singrar** na vida. É muito enfatizado o espírito de aventura, mobilizando o projeto de emigrar. "*Meu pai, como tantos outros, veio seguindo o espírito aventureiro dos portugueses*" (Raul).

Para alguns autores, outra marca da identidade portuguesa é a *saudade*. Segundo Eduardo Lourenço, os portugueses espalhados pelo mundo conheceram a saudade e como que a inscreveram em seu brasão. "Habitados a tal ponto pela saudade, os portugueses renunciaram a defini-la. Da saudade fizeram uma espécie de enigma, essência de seu sentimento de existência, a ponto de a transformarem em um 'mito'. É esta mitificação de um sentimento universal que dá à estranha melancolia sem tragédia que é seu verdadeiro conteúdo cultural, e faz dela o brasão da sensibilidade portuguesa" (LOURENÇO, 1999, p. 31). Também Bela Feldman-Bianco (1992) vê na saudade a base da identidade coletiva e individual dos imigrantes portugueses, sendo a reinvenção da memória coletiva da saudade, um dos elementos utilizados pelo Estado pós colonial português para a criação de uma nação desterritorializada.

Formam estes traços o sentimento de lusitanidade que une as comunidades portuguesas dispersas pelo mundo entre si e com Portugal, fazendo também parte da identidade pessoal do imigrante.

Observa-se porém que, além dos traços positivos, a reconstrução da identidade se faz em meio a certas conotações negativas atribuídas aos portugueses e expressas em preconceitos. É o caso das piadas, dos estereótipos, dos apelidos. Permanece ainda no imaginário do brasileiro o ressentimento contra a metrópole, que teria tirado o ouro da colônia. Contudo, o Brasil pertencia a Portugal com todas as suas riquezas.

Questão importante, diz respeito às associações da comunidade portuguesa. Desde a Real Sociedade Portuguesa de Beneficência criada em São Paulo em 1857 e constituindo hoje um grande complexo hospitalar, a comunidade criou associações voltadas a diferentes finalidades: beneficentes, esportivas, culturais, comerciais, mas buscando sempre amparar, reunir a comunidade e preservar as raízes portuguesas. Criou centros regionais e, em 1935, a Casa de Portugal. Igrejas foram também construídas por portugueses. Observamos, contudo, que a estratificação social da comunidade se reflete nas associações, havendo aquelas geridas, freqüentadas ou mantidas pela elite da comunidade, ao lado de outras que reúnem aqueles imigrantes menos bem sucedidos. Muitos dos imigrantes que se destacaram em diferentes setores, foram agraciados com comendas pelo governo português.

Muitas obras foram criadas pela comunidade portuguesa. Entretanto, com a queda do movimento migratório para o Brasil a partir de 1964, há hoje uma preocupação expressa por membros da elite da comunidade, com a continuidade dessa obras. "*Essas obras, no mundo inteiro, só o português faz. De graça. Isso eu digo de boca cheia. Não conheço nada igual. Mas hoje não tem mais portugueses para fazer isso. Nem mais portugueses para tocar as obras que nós herdamos. Esse espírito não tem mais... as nossas instituições vão acabar. No Brasil, a grande adversária da comunidade portuguesa é a língua.*" (Raul)

Para Portugal, as associações significam a possibilidade de diálogo com a grande e dispersa comunidade portuguesa no Brasil. Busca Portugal manter e fortalecer os laços com a comunidade, dada construção da imagem da nação portuguesa como desterritorializada, entendendo a nação como população e não apenas como território. (BIANCO, 1992)

Ao lado da identidade coletiva, há a identidade pessoal. Da mesma forma que Halbwachs (1990) mostrara ser a memória pessoal um ponto de vista sobre a memória coletiva, supomos que a identidade pessoal se ancore na identidade coletiva.

Os imigrantes portugueses reconstróem no país de acolhimento sua identidade, adaptando-se ao novo meio, mas preservando alguns traços das raízes portuguesas, especialmente no âmbito doméstico. Há uma preferência de que os casamentos se realizem no interior da comunidade.

Estes portugueses que retornam a Portugal, mesmo que para visita, são chamados de 'brasileiros', como são chamados de 'franceses' os que emigram para a França, de 'alemães' os que vão à Alemanha etc.

Os imigrantes portugueses vivem no Brasil uma situação identitária de grande ambigüidade, que se expressa em um sentimento de dupla pertença.

*"Eu sou uma portuguesa, mas sou assim: sou aquela definição que o Roberto Leal tem numa música - nós somos um povo sem identidade. Porque eu estou aqui no Brasil, eu sou portuguesa... Mas quando eu chego lá em Portugal, eu sou brasileira da ponta do meu cabelo à ponta de meus pé. Eu sou brasileira totalmente..."* (Isabel)

Este sentimento de dupla pertença é sentido nas mais diversas ocasiões. *"Sentimos muitas saudades de Trás-os-Montes e da nossa aldeia, mas também amamos muito o Brasil como uma segunda pátria, por tudo que ele nos ofereceu, sempre com a presença de Deus e com muito trabalho"*. (Deolinda<sup>11</sup>)

Os vários relatos mostram a grande ambigüidade de 'ser português' no Brasil: o sentir-se portugueses no Brasil e brasileiros em Portugal, o sentir-se brasileiros mas não ser vistos como tal no Brasil, o sentir-se portugueses e não ser vistos como tal em Portugal, o sentir-se luso-brasileiros assumindo a dupla pertença. Ou ainda, o sentirem-se portugueses, mas amarem o Brasil desejando aqui permanecer.

**"Tenho verdadeira paixão pelo Brasil... uma terra que me deu o que a minha terra não me deu... Mas, a terra da gente, a gente nunca esquece... Me sinto portuguesa! Me sinto, mas não volto!"** (Anália)

Mesmo depois de anos da emigração, a ligação com a aldeia que permanece, através de visitas periódicas, do auxílio à aldeia, do envio de presentes e dinheiro a parentes, da troca de notícias e especialmente do sentimento de pertença. Operacionaliza a permanência desta ligação, o "eterno mito do retorno" analisado por Paulo Filipe Monteiro (1994).

Coloca-se a questão da saudade, como elemento constitutivo da identidade coletiva e individual dos imigrantes portugueses. Evidenciou-se na pesquisa que não é a saudade a base da identidade, mas a permanência da ligação com o local de origem. A saudade da terra natal só tem sentido se a referência é a um espaço ao qual se continua vinculado.

Os aspectos mais significativos da imigração portuguesa do período, seriam certamente a marca de um projeto familiar e a ligação com Portugal e especialmente com a aldeia. A aldeia, ponto inicial do percurso migratório, dá a dimensão da trajetória destas vidas de emigrantes-imigrantes, dá a medida do sucesso alcançado. A aldeia é a pátria-âncora.

A emigração portuguesa para o Brasil configura-se como uma corrente cujos elos não se rompem, significando seguramente importante componente da identidade pessoal dos imigrantes, marcada pela ambigüidade de ser português no Brasil.

#### BIBLIOGRAFIA

- BIANCO, Bela Feldman. "Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada" in *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 9, n. 1, jan/jul 1992
- DINIZ, Valentim dos Santos. *Meu pão com açúcar*. São Paulo, 1998. (Edição da empresa)
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista Editora dos Tribunais, 1990
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. "História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta" in MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996
- LEVY, Maria Stella Ferreira. In KLEIN, Herbert S. *A imigração espanhola no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré, 1994. (Série Imigração).
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1999.

<sup>11</sup> Deolinda nasceu em 1933, em Alfândega da Fé, Trás-os-Montes. Veio para o Brasil para casar, o noivo já estava em São Paulo. Não tinham recursos, mas contaram com o apoio de parentes. Hoje possuem propriedades no Brasil e na aldeia, os filhos têm curso superior.

MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração, o eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta Editora, 1994

NORA, Pierre. "Entre a memória e a história – a problemática dos lugares". In Projeto História (N.10, dezembro/93). *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História* da PUCSP. (tradução: Yara Aun Khoury).

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995

\_\_\_\_\_. "Aspectos humanos e culturais da emigração portuguesa" in *Nova Renascença*, inverno de 1982

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração, ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SERRÃO, JOEL. "Emigração". Verbete in SERRÃO, Joel (org.). *Dicionário da História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, s.d. Vol. II (pp.363-373)

Resultados do Projeto *Imigrantes portugueses na área metropolitana de São Paulo (1930-1963)* – CERU/CNPq